

En Machado, Otávio Luiz., *Juventudes, Democracia, Direitos Humanos e Cidadania*. Frutal-MG (Brasil): Editora Prospectiva.

Múltiplas juventudes: protestos públicos e as novas estratégias de mobilização juvenil em Recife.

Machado, Otávio Luiz.

Cita:

Machado, Otávio Luiz. (2013). *Múltiplas juventudes: protestos públicos e as novas estratégias de mobilização juvenil em Recife*. En Machado, Otávio Luiz. *Juventudes, Democracia, Direitos Humanos e Cidadania*. Frutal-MG (Brasil): Editora Prospectiva.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/otavioluizmachado/33>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/pezx/Yzt>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

MÚLTIPLAS JUVENTUDES: PROTESTOS PÚBLICOS E AS NOVAS ESTRATÉGIAS DE MOBILIZAÇÃO JUVENIL EM RECIFE

Otávio Luiz Machado⁸⁷



Da esquerda para a direita: Otávio Luiz Machado, Monyke Cabral, Helena Abramo e Félix Aureliano. Mesa-Redonda “Juventudes e os direitos sociais” do Seminário Nacional Juventudes, Democracia, Direitos Humanos e Cidadania, Centro de Convenções da UFPE, 11 de novembro de 2010.

⁸⁷ Crédito da foto: arquivo de Otávio Luiz Machado. O autor é coordenador do Programa Pluralidades, Juventudes, Educação e Cidadania (Propejec)

INTRODUÇÃO⁸⁸

Um dos livros mais interessantes que lemos nos últimos tempos intitula-se *Mudar o Mundo sem Tomar o Poder* (Holloway, 2003). Talvez o título possa indicar uma direção quanto ao significado dos protestos que analisamos nesse livro, porque são despretensiosos no sentido de organizar uma luta para a busca do poder em si, mas generosos e ativos o suficiente para buscar mudar as condições de vida, resgatar a beleza do mundo e modificar o que está aí nos seus mais diversos tons e utilizando-se dos mais diversos sons.

Se tratarmos esses protestos considerando que “todos os movimentos rebeldes são movimentos contra a invisibilidade” (*idem*, p.

⁸⁸ Tais idéias foram enviadas ineditamente por meio de um texto prévio para o XV CISO – Encontro Norte e Nordeste de Ciências Sociais, Pré-Alas Brasil, 04 a 07 de Setembro de 2012, Teresina-PI. A imagem do autor e dos demais participantes da citada mesa-redonda pertence ao arquivo de Otávio Luiz Machado.

231), também precisamos ir na mesma linha para afirmar que nos debruçamos sobre protestos cuja tônica é a luta pela dignidade e a não-subordinação a quem quer que seja, porque todos os protestos cujas temáticas são diferenciadas apontam nessa mesma direção do lutar para ser visto e ouvido, resistindo a qualquer estereótipo ou estigmatização a que estão sujeitos.

Os protestos públicos promovidos pelas mais diversas juventudes ainda possuem como referência histórica os diversos atos que marcaram o ano de 1968 no Brasil e no mundo, mais notadamente as passeatas que levaram dezenas de milhares de jovens às ruas do Rio de Janeiro, São Paulo e diversas outras cidades brasileiras que tinham o “abaixo à ditadura” como seu principal lema e motivação⁸⁹.

⁸⁹ O que apresentamos nesse texto são várias conclusões de dois projetos de extensão e um de pesquisa conduzidos dentro do Programa Juventudes, Democracia, Direitos Humanos e Cidadania da UFPE (PROJUPE-UFPE). Aqui consideramos que extensão e pesquisa precisam caminhar juntas para que possamos contribuir da melhor forma possível, seja para o desvendamento de uma realidade social, seja para construir reflexões e ações para a mudança social. A experiência do conjunto de atividades foi a

Outros atos que também atizam o imaginário coletivo e não passam despercebidos quando o assunto é protesto público ocorreram no ano de 1992, quando diversos cidadãos e cidadãs brasileiras saíram às ruas exigindo o “Fora Collor”. Em ambos os casos (de 1968 e 1992) não estamos falando apenas de um protesto, mas de uma série de protestos públicos sobre um determinado momento e que abarcou diversas abordagens acerca de um mesmo fenômeno social.

O que também nos fez também ir na mesma linha para o ano de 2012, quando também tivemos em Recife um conjunto de protestos públicos na cidade cuja principal tônica não foram os temas e abordagens contidos no seu programa principal, mas a mensagem (in) visível ou nem sempre expressa

melhor possível, porque finalmente pudemos construir um trabalho não apenas para as juventudes, mas com as juventudes, sendo um compartilhar de vivências, de inquietações e questionamentos durante todo o tempo sobre os mais diversos aspectos, o que entendemos favorecer o próprio ambiente das lutas sociais e a formação cidadã dos jovens nessa caminhada que percorremos.

abertamente sobre o ato de se manifestar, de dar voz e vez aos suas inquietações nas mais diversas questões e que ganharam as ruas, as praças e os campi da cidade de Recife nos mais diversos momentos e envolvendo as mais diversas categorias sociais, mas com pontos em comuns.

Tais inquietações que também ocorrem em diversos outros lugares foram trazidas por diversos autores no livro “Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas” (publicado pela Boitempo em 2012), cuja maior contribuição é refletir se o ano de 2011 marcou ou não o início da reconquista do espaço público numa escala mundial. Não são poucos tais protestos ou movimentos, como é o caso da Primavera Árabe (Tunísia, Egito e Líbia), Occupy Wall Street (nos Estados Unidos), Indignados (Espanha), Geração à Rasca (Portugal), a ocupação da praça Syntagma (Grécia), dos movimentos pela educação pública (Chile), a ocupação de reitorias (USP, Brasil), Ocupa Sampa (Brasil) e tantos outros.

Se em 1968 a grande mensagem era estimular um conflito de gerações no qual apontava que não se deveria confiar em alguém com mais de trinta anos (já devidamente convertidos ao sistema), agora em 2011 e 2012 a grande desconfiança produzida vai para os partidos políticos, os sindicatos, as estruturas governamentais, que não foram só convertidos, mas corrompidos ao extremo e que não oferecessem no entender desses movimentos nenhuma alternativa ou possibilidade de mudança. Mesmo forjados na desconfiança a pessoas e instituições e com um desencanto muito forte que sugere que eles não sabem bem qual o caminho a seguir, é importante dizer que tais movimentos surgidos em 2011 e 2012 não se fecham entre si, mas se espalham e irradiam em outros movimentos ou protestos já colocados ou influenciam o surgimento de outros novos.

Na nossa análise deixamos de contemplar protestos públicos interessantíssimos e de igual impacto na cidade, como foi o Ocupe

Estelita (mal encaminhamos o texto antecipado para o congresso ao qual submetemos e já surgiu o Ocupe Agamenon no mês de agosto), mas muito mais por questão de recorte, embora é fundamental inseri-lo no rol dos protestos que surgiram na cidade e mudaram a cena pública⁹⁰, principalmente porque eles se assemelham àqueles que estão acontecendo em diversas partes do mundo por contar com “formas de luta muito assemelhadas e consciência de solidariedade mútua” (apresentação do livro *Occupy* realizado por Henrique Soares Carneiro).

Como os protestos públicos podem estar muitas vezes associado ao radicalismo, à incompreensão quanto aos possíveis resultados eficazes ou até mesmo pode ser questionado sobre o incômodo que pode produzir aos demais cidadãos que não se

⁹⁰ Também inserimos nossos trabalhos no rol dos estudos que tratam da sociabilidade juvenil apostando num universo da política em que as condições de participação ocorrem num espectro cada vez mais distante da institucionalização e dos meios tradicionais de organização e mobilização.

interessam por eles e se sentem prejudicados pelo barulho ou a confusão produzidas na já conturbada vida urbana das grandes capitais, no trabalho buscamos desmistificar o assunto, inclusive buscando uma abordagem que trate os protestos públicos a partir de três pontos de reflexão: 1) O da cidadania: o direito de reivindicar; 2) O da busca da adesão da sociedade; 3) O dos significados próprios dos protestos aos seus participantes.

Entre 2009 e 2011 nossa observação foi específica nos poucos protestos que aconteceram na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), sendo os de 2012 acompanhados em toda a cidade e focado nas mais diversas pautas, formas de organização e estratégias de mobilização.

Os meses de janeiro, fevereiro e março de 2012 foram marcados por diversos protestos públicos dos estudantes nas ruas de Recife, que tiveram como pauta principal a diminuição do valor das passagens de ônibus e a melhoria do transporte público como um

todo. Uma das suas principais estratégias de publicização das reivindicações foi a passeata pacífica, o bloqueio temporário de algumas vias e um ato de estímulo em alguns momentos para que os passageiros entrassem nos ônibus sem pagar passagens visando chamar a atenção para o problema crônico vivido pelos cidadãos todos os dias.

Tudo isso feito dentro da legalidade e atraído o apoio de setores expressivos da população, principalmente os que passam horas todos os dias nos engarrafamentos, que pegam ônibus lotados (e muitas das vezes passam nas paradas com atraso de horário) e que correm risco de morte por falta de sinalização das vias e da precariedade do sistema de transporte que se encontra num colapso total.

No entendimento dos participantes dos protestos, tanto o governo estadual, como a Prefeitura, que deveriam dar respostas aos problemas que se agravam a cada dia não se comprometem a debater os problemas da

cidade com os estudantes e todos os demais grupos, considerando que eles devem ser os mais interessados no assunto. Como é preciso garantir nesse meio diversos direitos, como o de ir e vir, a liberdade de expressão, o de organização, o de informação, o de ser bem atendido pelas políticas públicas e o de exigir competência e eficiência dos gestores públicos eleitos ou indicados por estes para a administração pública, então é bom que se diga que a luta iniciada pelos jovens (e com participação de outros grupos sociais) atende ao princípio do interesse público e isso não pode ser colocado contra eles através de conceitos como badernas, tumultos ou vandalismos em nenhum momento.

Ao analisarmos a legitimidade dos protestos é preciso perceber que, se os atos juvenis e de mais outras faixas de idade atendem ao interesse público, se são promovidos em espaços públicos, se são devidamente permitidas a qualquer pessoa que contracena nesse espaço questionar o ato e

exigir seus direitos de igual forma e se ainda são envolvidos a imprensa e a PM no cumprimento de suas obrigações no sentido de informar sobre esse assunto público ou mesmo garantir o direito de toda a sociedade para que ninguém saísse lesado nisso tudo, também podemos refletir a partir daí que ao se criar um momento de pensar a cidade que queremos para os próximos anos foi a primeira contribuição desses protestos.

Os protestos são constituídos de importantes instrumentos que produzem cidadania aos seus participantes. Aqui levantamos vários pontos que podem contribuir para o maior entendimento desses protestos, inclusive favorecendo uma reflexão sobre a importância deles para a construção de uma agenda positiva para toda uma coletividade.

O tema dos protestos públicos possui um lugar especial nos estudos sociológicos que tratam dos movimentos juvenis, mas ele vai além quando nos debruçamos sobre os

primórdios dos estudos sobre juventudes pela Sociologia, como é o caso do conjunto de trabalhos da chamada Escola de Chicago num momento que certos “comportamentos” dos jovens foram tomados como desviantes, pois a excentricidade, a contestação e qualquer alteração no modo de se apresentar aos padrões vigentes como era o caso dos protestos e de comportamentos rebeldes dos jovens não eram tidos como aceitáveis. Não foi por acaso que a noção de subcultura tão bem difundida pela Escola de Chicago foi utilizada para tratar de segmentos juvenis estigmatizados, como as gangues, os bandos e as galeras que viviam nas primeiras décadas do século XX nos Estados Unidos. Um livro pioneiro nesse sentido foi *The Gang* (Trasher, 1963).

É preciso entender que esses protestos públicos analisados aqui estão dentro de outro espectro dos movimentos juvenis, onde a reinvenção de um jeito de intervir no cenário público é assumida diante de novas

possibilidades de ser jovem, inclusive quando os jovens são mais falantes do que são falados (Sobre o assunto ver CASTRO, 2011) e transmitem uma cultura da participação política aos demais jovens de diversas formas, porque potencializaram esse eco não só nas ruas, mas nas mídias sociais, quando consideramos que o caráter auto-construtivo da internet na organização, na difusão e na arregimentação de novos adeptos aos protestos e suas bandeiras.

Os movimentos do Passe Livre inauguram, sem dúvida, essa retomada dos protestos de rua em várias partes do País, com a participação majoritária de jovens com estratégias de luta e formas de organização inovadoras (sobre o tema do Passe Livre ver Liberato, 2011). O que vimos nos protestos de 2012 é algo que apresenta uma diferenciação e acrescenta muitos elementos que até então não eram percebidos nos protestos anteriores, como o uso intensivo da internet, a junção de componentes apartidários e partidários num

movimento sem coloração ideológica e sem correias de transmissão nos movimentos organizados ou entidades clássicas. É o que vamos tratar em seguida.

Circuitos juvenis e redes sociais em Recife e os novos padrões de sociabilidade e formas de mobilizações no cenário urbano complexo

Os estudos sobre a participação dos jovens e a lógica reivindicatória dos diversos movimentos juvenis que são criados a partir de novas formas de mobilização já tem sido uma experiência acumulada nos mais diversos campos da Sociologia, considerando que especificamente abordagens multidisciplinares sobre juventudes tem alcançado um importante espaço nos grupos de pesquisas nas mais diversas universidades brasileiras.

Como ainda encontra-se diversas lacunas nos estudos que associam as redes sociais com os movimentos juvenis diante da larga

expansão das mídias sociais, entendemos que esse novo painel ou perfis dos movimentos de jovens certamente surge como um desafio importante para a produção de novos estudos, principalmente num momento em que se discute o que é ser jovem, os graus de participação cidadã dos jovens nos assuntos de interesse público ou as preocupações advindas desses novos padrões de sociabilidade que são estabelecidos cotidianamente.

Essas novas formas de organização, de mobilização e de construção de relações interpessoais nas redes e circuitos juvenis me pareceu ser um tema que permite agregar novos enfoques sobre a juventude, contribuindo decisivamente para as ciências sociais, inclusive possibilitando contribuir para o debate na sociedade dessa nova agenda pública voltada para os jovens desde 2003 (com a criação da Secretaria Nacional de Juventude e do Conselho Nacional da Juventude no âmbito do governo federal), sem contar a explosão de conselhos juvenis, redes

de jovens, coletivos e demais formas de organização dos jovens nos últimos anos que precisam de respostas nos estudos e pesquisas que desenvolvemos.

A compreensão das sociedades modernas, sobretudo dos avanços da participação social de grupos específicos da sociedade, como no caso das juventudes, foi uma das nossas principais motivações para a realização do estudo. Acreditamos que um novo paradigma é construído a partir daí, onde nesses momentos precisamos estar atentos ao que Touraine (2007) nos sugere, ou seja, “é dentro deste novo paradigma que precisamos situar-nos para sermos capazes de nomear os novos atores e os novos conflitos, as representações do eu e das coletividades que são descobertas por um novo olhar, que põe diante de nossos olhos uma nova paisagem” (p. 10).

A organização dos protestos ou passeatas promovem mobilizações que não estão

marcadas organicamente por sindicatos ou partidos políticos, mas que tem como canal de produção e difusão a internet” e suas diversas mídias sociais, sem contar os inúmeros coletivos de jovens na cidade de Recife que atuam nos mais diversos espaços compondo uma heterogeneidade de pautas e de ações.

Com a organização de eventos dos nossos projetos na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em 2009 e 2010 pudemos nos aproximar de sobremaneira desses jovens, também sendo convidados a visitar os seus diversos trabalhos e a compartilhar com eles algumas experiências de pesquisa e de extensão que desenvolvemos. A observação, o registro e análise dos movimentos estudantis da UFPE e de outras universidades nos levaram a acreditar que existe uma preocupação maior com os direitos humanos e a formação cidadã dos nossos jovens expressa nas falas, nos textos e nos contextos tratados.

Com a ampliação do número de políticas públicas voltadas específicas para os jovens

nos campos da educação, do trabalho e do empreendedorismo, do associativismo, da tecnologia digital, do turismo e da recreação, das redes de saúde e de tantos outros setores que abrigam número significativo de jovens no Estado de Pernambuco nos próximos anos, o que se vislumbra é a ampliação das redes sociais e dos circuitos de jovens em atuação na região metropolitana, permitindo que surjam novos campos para os estudos sobre as nossas juventudes.

Uma teoria para tudo isso ...

A Teoria da Dádiva ou do Dom mostrou-se suficiente para nos fazer compreender o fenômeno das trocas sociais estabelecidas nos mais diversos circuitos juvenis na cidade de Recife, por se tratar de um conjunto teórico capaz de perceber a “relevância da reciprocidade aberta para se compreender a dinâmica e a complexidade das trocas nas

sociedades dos indivíduos” (Martins, 2008, p. 116), pois “é certamente no âmbito das relações interpessoais que a dádiva aparece com maior nitidez” (idem, p. 123), sendo uma teoria importante diante da complexidade e da diversidade das motivações sociais, das práticas associativas abertas e novas formas de solidariedade e cooperação para se “pensar numa experiência de cidadania democrática ampliada, plural e participativa, que respeite as diferenças e as universalidades dos sistemas simbólicos e de poder” (idem, p. 124).

Essa teoria surgiu a partir dos estudos de Marcel Mauss elaborados na obra “*Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas*” de 1924 (Esse trabalho foi reproduzido na coletânea organizada por Georges Gurvitch intitulada *Sociologia e antropologia*, Mauss, 2003), que traçou desde então uma tríplice obrigação (doação, recepção e retribuição de bens materiais e simbólicos) para a dinâmica das sociedades tradicionais e modernas. Mas essa teoria que permite

compreendermos com êxito um sistema de reciprocidades de caráter interpessoal ao longo da história, também teve vários desdobramentos para os estudos sobre redes sociais nos períodos mais recentes, que passaram a ser compreendidas como instituições alternativas (Martins, 2004, 2005), onde igualmente uma tríplice obrigação coletiva de doação, de recebimento e devolução de bens simbólicos e materiais se faz presente, com suas implicações para a vida em sociedade:

“A compreensão da dádiva como o sistema de trocas básico da vida social permite romper com o modelo dicotômico típico da modernidade, pelo qual a sociedade ou seria fruto de uma ação planificadora do Estado ou do movimento fluente do mercado. O entendimento do sentido sociológico da dádiva quebra esta dicotomia para introduzir a idéia da ação social como «inter-ação», como movimento circular

acionado pela força do bem (simbólico ou material) dado, recebido e retribuído, o qual interfere diretamente tanto na distribuição dos lugares dos membros do grupo social como nas modalidades de reconhecimento, inclusão e prestígio. Por ser a lógica arcaica constitutiva do vínculo social, a dívida integra potencialmente em si as possibilidades do mercado (retenção do bem doado) e do Estado (possibilidades de redistribuição das riquezas coletivas)” (Martins, 2005, p. 53)

Ao considerarmos adequada a utilização dessa teoria por considerar que nos planos das relações interpessoais “mediante uma expectativa de reciprocidade, de confiança implícita a respeito da continuidade da relação que é alimentada subjetivamente pelas pessoas envolvidas” (Martins, 2005, p. 57), pois ao oferecer um valor-confiança no nível das relações da dívida como uma regra sistêmica que põr em evidência o fato de que a ação

social obedece a uma pluralidade de lógicas de ação não redutíveis umas às outras:

“O dom ou a dádiva é, por natureza, uma regra sistêmica ambivalente, que permite ultrapassar a antítese entre o eu e o outro, entre a obrigação e a liberdade, entre o mágico e o técnico. Na dádiva participam a obrigação e o interesse, mas também a espontaneidade, a liberdade, a amizade, a criatividade. A sociedade, nessa perspectiva relacional, é um fenômeno social total, porque ela se faz primeiramente pela circulação de dádivas (presentes, serviços, hospitalidades, doações e, também, desejos, memórias, sonhos e intenções), considerados símbolos básicos na constituição dos vínculos sociais. A observação sobre o que circula implica, então, a necessidade de fixação das modalidades de um pensamento do concreto que dê conta da dinâmica de transformação das redes sociais (que constituem o modo próprio de circulação do dom) e das

diferenças dessas redes no tempo e no espaço. Certamente, a importância de um pensamento como esse cresce à medida que os dois outros paradigmas das ciências sociais (o da obrigação racional-burocrática e o da liberdade mercantil) esgotam suas perspectivas emancipatórias” (Martins, 2005, p. 62-63).

As redes de pertencimento e de troca interpessoal constroem visibilidade e reconhecimento aos membros desses grupos, o que tornam as redes sociais um lócus privilegiado para o estudo tendo como base a Dádiva, embora é importante reconhecer a amplitude dos estudos nessa área a partir dos anos 1980 e a importância de dialogarmos eles nesse estudo.

Um estudo pioneiro no Brasil que desenvolve a questão das redes e movimentos de jovens foi desenvolvido por Mische (1997), que trouxe um debate sobre redes de jovens e participação política, quando os estudos sobre

juventudes dos anos 1990 se atentaram para a heterogenidade e dispersão das várias “juventudes”, focando na análise das “transformações nas *redes interpessoais e organizacionais* nas quais os jovens se encontram, e como as estruturas diferenciadas dessas redes influenciam na articulação de *projetos pessoais e sociais*” (p. 138)

Na teoria sociológica as redes sociais ganharam uma dimensão importante nos estudos sobre movimentos sociais, principalmente àqueles que cada mais são compostos por jovens e que atuam nos mais diversos grupos de ecologia, direitos humanos, entidades do terceiro setor como associações de moradores ou diversas ongs ou movimentos com raízes fincadas nos movimentos sociais e nos mais diversos espaços de sociabilidades e de construção de identidades.

Os trabalhos de Scherer-Warren (dez. 2008) é um dos que estão circunscritos a essa lógica das “redes de movimentos”, focando na

construção de políticas emancipatórias a partir de diversos movimentos, mas também podemos nos apoiar em Martins (2004) e Portugal (2007), cujas contribuições são fundamentais para aprofundarmos a discussão sobre a amplitude das redes sociais na atualidade, bem como para discutirmos os alcances delas dentro de processos dialógicos.

Ao tratarmos o debate sociológico das juventudes em diálogo com a Teoria da Dádiva problematizamos uma série de noções como condição e situação juvenil, moratória social e tantas outras que podem dar conta de uma análise científica, pois se nos anos 1960 o grande desafio para as ciências sociais era a juventude universitária e o seu limite entre permanecer e mudar a realidade brasileira, nos anos 1980 era a questão da controle dos jovens e a grande visibilidade associada ao desvio e da delinquência. Na atualidade o desafio para as ciências sociais é compreender os jovens na sua heterogeneidade, nos seus diversos caminhos e projetos focando nas redes sociais.

Os estudos mais recentes sobre as juventudes apontam os inúmeros desafios para os estudos sobre juventudes nos mais diversos campos (Sposito, 2007; Abramo e Branco, 2005), mas apreendemos para a necessidade de análise que aposte na busca de parâmetros próprios das características das demandas juvenis voltadas à solidariedade, ao bem estar, o entendimento da diferença entre os membros dos diversos grupos e ao futuro, que cotidianamente são forjadas nas diversas redes sociais que são atravessadas por jovens.

Se a perspectiva de constituir os jovens como destinatários da intervenção pública (Sposito, 2007, p. 5-6) permanecer, constituindo-se novos espaços de participação dos jovens e vislumbrando a continuidade de uma categoria que mobilize a opinião pública, o nosso estudo torna-se relevante, pois um dos grandes consensos hoje é que os jovens precisam ser considerados como sujeitos de direitos, nas suas mais diversas situações e condições.

O debate mais atualizado que nos permite uma clareza teórica sobre os pontos de interseção entre as redes sociais e a militância cotidiana nas entidades, nos coletivos e nas formações grupais de segmentos juvenis tiramos do debate feito por Magnani (2002, 2007) a partir de Maffesoli (1987), visando situar a categoria juventude dentro dessa nova perspectiva:

“... o autor trazia para o campo da análise social a perspectiva então em voga que caracterizava como ‘pós-modernas’ as transformações que vinham ocorrendo nos campos da literatura, arquitetura, moda, comunicações, produção cultural. No caso da emergência desses pequenos grupos, voláteis, altamente diferenciados, a novidade que apresentavam era sua contraposição à homogeneidade e ao individualismo característicos da sociedade de massas e às identidades bem marcadas da modernidade....” (Magnani, 2007a, p. 17).

Magnani ofereceu a partir deste debate uma alternativa aos novos enfoques até então apresentados, como tribos e culturas juvenis, contribuindo para uma nova abordagem sobre o comportamento dos jovens nos grandes centros urbanos. A noção de “circuitos de jovens” é então apresentada, pois a ênfase não é mais na condição juvenil, mas na inserção dos jovens e nos seus pontos de encontros e conflitos. Para o autor:

*“Mais concretamente, o que se busca com tal opção é um ponto de vista que permita articular dois elementos presentes nessa dinâmica: os comportamentos (recuperando os aspectos da mobilidade, dos modismos, etc., enfatizados nos estudos sobre esse segmento) e os espaços, instituições e equipamentos urbanos que, ao contrário, apresentam um maior (e mais diferenciado) grau de permanência na paisagem – desde o **pedaço**, mais*

particularista, até a mancha, que supõe um acesso mais amplo e de maior visibilidade. O que se pretende com esse termo, por conseguinte, é chamar a atenção, primeiro, para a sociabilidade e não tanto para pautas de consumo e estilos de expressão ligados à questão geracional, tônica das “culturas juvenis”; e, segundo, para as permanências e regularidades, em vez da fragmentação e nomadismo, mais enfatizados na perspectiva das ditas “tribos urbanas” (Magnani, 2007a, p. 19).

A abordagem de Magnani provocou um novo salto aos estudos sobre juventudes, pois o autor soube trazer toda a discussão sobre o tema para a dinâmica interna dos agrupamentos juvenis, deslocando o debate para o caráter interativo e multifacetado dessas juventudes sem abrir mão do diálogo com as

mais diversas correntes que constroem essa temática, pois

“A idéia era levar em conta tanto os atores sociais como suas especificidades (determinações estruturais, símbolos, sinais de pertencimento, escolhas, valores, etc.) quanto o espaço com o qual interagem – mas não na qualidade de mero cenário e sim como produto da prática social acumulada desses agentes, e também como fator de determinação de suas práticas, constituindo, assim, a garantia (visível, pública) de sua inserção no espaço. Essa escolha, ademais, implicou abrir mão do campo da “juventude” e das discussões sobre os atuais limites dessa faixa etária – os quais podem oscilar, no caso dos grupos aqui estudados, entre 13 e 30 anos – , em favor da opção de vê-los

em sua interação com a cidade, seus espaços, equipamentos e *trajetos*". (*idem*).

Com essa abordagem é fundamental ampliar o leque de possibilidades sobre os movimentos estudantis, por exemplo, principalmente a transmutação nesses movimentos estudantis, que estão sendo construídos além da órbita das entidades estudantis e dos partidos políticos. Quem estuda os movimentos estudantis sabe muito bem que os jovens fazem ressurgir seus movimentos numa velocidade impressionante dentro de limites atemporais, superando os suportes das entidades estudantis e provocando protestos públicos no interior das universidades com ações coletivas que agregam muitos temas e interesses diversas vezes discrepantes.

Uma particularidade dos movimentos estudantis na contemporaneidade é a indefinição do quanto de ruptura que podem

provocar, pois a fluidez de suas lutas estão situadas numa estratégia política que não mais trabalha com certezas absolutas, porque estamos falando de movimentos fragmentados, sim, mas insistentes.

Com a mudança significativa dos movimentos estudantis nas duas últimas décadas, gradativamente novos temas foram sendo incorporados na luta estudantil, como o combate à homofobia, questões de gênero, valorização de expressões culturais diversas e tantos outros que fazem parte da luta efetiva de diversos coletivos estudantis espalhados nas nossas universidades.

O debate sobre juventude tem tido marcado pela multiplicidade de visões, sendo a mais usual a que trata a categoria juventude a partir de um ciclo biológico e psicológico (faixa de idade, período de vida, mudanças psicológicas etc) (ABRAMO, 1995, p. 1). Mas no campo da sociologia tem prevalecido a visão da juventude como categoria social (ABRAMO, 1994, 1995; GROppo, 2000; PAIS,

1999; SOUSA, 1999).

Assim, ao discutirmos juventude também analisamos a diferenciação das sociedades modernas, pois “a acentuada divisão de trabalho e a especialização econômica, a segregação da família das outras esferas institucionais e o aprofundamento das orientações universalistas agudizam a descontinuidade entre o mundo das crianças e o mundo adulto” (ABRAMO, 1994, p. 3).

Para a categoria juventude precisamos recorrer a noções como transitoriedade (período de preparação para a vida adulta), que está relacionada à idéia de *suspensão da vida social*, “dada principalmente pela necessidade de um período escolar prolongado, como um tempo para o treinamento da atuação futura” (ABRAMO, 1994, p. 12). Outra noção é a de individuação, na questão da identidade própria, de recusa de valores e normas considerados fundamentais pelos pais e a importância dos grupos de pares. Também poderíamos recorrer à noção

de crise potencial, ou mesmo de socialização, porque

... o destaque do grupo de idade correspondente à adolescência, na sociedade moderna, aparece como fruto do desenvolvimento da sociedade industrial que, ao criar a disjunção entre a infância e a maturidade, tornou necessário um segundo processo de socialização. Esta consiste, fundamentalmente, na preparação dos jovens para a assunção dos papéis modernos relativos à profissão, ao casamento, à cidadania política etc, que os coloca diante da necessidade de enfrentar uma série de escolhas e decisões. Dessa maneira, por ocupar um status ambíguo, *between and betwixt*, os jovens constroem redes de relações particulares com seus companheiros de idade e de instituição, marcadas por uma forte afetividade, nas quais, pela similaridade de condição, processam juntos a busca de definição dos

novos referenciais de comportamento e de identidade exigidos por tais processos de mudança (ABRAMO, 1994, p. 17).

Ao tratarmos a noção de juventude – ao invés do seu caráter geracional e biológico – no aspecto histórico, social e cultural, trazemos o debate para a compreensão como “parte de grupos sociais e culturais específicos” (CARDOSO & SAMPAIO, 1995, p. 18.) Ou seja:

A juventude só pode ser entendida em sua especificidade, em termos de segmentos de grupos sociais mais amplos. Os jovens passam, assim, a ser vinculados a suas experiências concretas de vida e adjetivados de acordo com o lugar que ocupam na sociedade. Não se fala mais em juventude em abstrato, como uma espécie de energia potencial de mudanças, ainda que culturalmente construída, mas das múltiplas identidades que recortam a juventude (*idem*, p, 18).

O envolvimento direto do pesquisador nas ações pesquisadas

O envolvimento direto do pesquisador nos protestos é impossível de não acontecer, porque além do registro das imagens, também tem a sua presença ali de alguma forma prestigiando o ato e dando a sua colaboração ao se envolver na multidão.

No nosso caso também nos tornamos participantes dos protestos, porque até comentávamos diversas vezes nas redes sociais sobre a nossa ida a eles, bem como deixávamos claro que disponibilizaria as imagens feitas de imediato na “internet”.

No caso dos protestos contra o aumento das passagens, como só fomos do terceiro em diante, então não contracenamos nenhum momento em que a repressão se fez mais intensiva, como as bombas lançadas, a invasão da Faculdade de Direito da UFPE como o lançamento de balas de borrachas nos

manifestantes que se protegiam naquele espaço, etc.

Quando começamos a participar dos protestos dos estudantes contra o aumento de passagens em 2012 postamos logo no *facebook* a seguinte mensagem horas antes de ir pela primeira vez naqueles atos no ano: “Se for para apanhar, que apanhemos todos juntos”. Felizmente não presenciamos nenhum ato de violência direta em todos os atos que participamos, mas sentimos que evitamos em diversos momentos com a nossa singela presença atos de violência mais sérios. A vantagem de nos envolver nesses protestos públicos é que fomos vistos como um ator importante daqueles atos na visão de diversos dos seus participantes desde o início mais direto:

- Num dos protestos contra o aumento de passagens a PMPE já vinha com cacetetes nas paradas da Praça do Derby para reprimir alguns poucos estudantes que abriam os ônibus convocando a população para entrar

sem pagar a passagem. Quando viram que tinha pessoas registrando tudo, então recuaram. Isso na iminência de dar umas boas cacetadas nos jovens;

- Num protesto do Coletivo de Luta Comunitária (CLC) em frente ao Hospital Barão de Lucena um policial vinha com tudo para abrir o trânsito. Depois de levar um “fora” de um advogado que invocou seus direitos para manter o protesto o policial veio diretamente em nossa direção, pois estava no meio da confusão registrando tudo. Quando percebeu isso recuou;

- Eis a opinião de um dos organizadores do CLC sobre a minha presença em diversos atos: “Mais uma vez valeu o grande apoio que você nos dá. E agradeço em nome dos vários movimentos. Soube de pessoas que compareceram aos atos por conta dos seus vídeos e fotos [circuladas na internet]”.

- Nos protestos pela humanização da UFPE em setembro de 2011 em pleno auditório da Reitoria numa reunião após protestos, o então

Reitor Amaro Lins solicitou a todos que parassem de registrar dizendo que “o assunto é sério” e que fosse tudo conversado em reserva. Como um dos que estavam presentes registrando tudo logo manifestamos a nossa opinião sobre o impasse: “Não farei isso. Se o pessoal quiser que paremos, eu paro”. Aí um “não” em coro foi feito em resposta ao que havia falado. Um segurança da UFPE que estava filmando havia acabado de sofrer uma reprimenda de um dos militantes do ato e teve de parar de registrar por ordem do Reitor. Uma pessoa que não nos conhecia começou a perguntar porque também continuávamos filmando. Uma pessoa virou para ele e disse: “Ele é um dos nossos”.

O envolvimento pessoal nos diversos protestos é algo difícil de não acontecer, porque se é tragado para dentro dele pela identificação das bandeiras de luta e pela emoção criada durante todo o tempo. Houve diversos momentos de forte emoção acompanhando os atos, como a chuva de papel

picado na Avenida Conde da Boa Vista (que provocou um sentimento forte do apoio popular ao protesto), a solidariedade dos estudantes da UFPE (Direito, Ciências Sociais) e UNICAP (Direito) às famílias que ocuparam a Câmara dos Vereadores de Recife após serem expulsas da Comunidade Bom Jesus, os depoimentos de pessoas que sofreram ameaças ou abusos e que relataram isso na Marcha das Vadias e no protesto Sexo Livre em Recife é Lei ou mesmo a situação dos barraqueiros da UFPE e do Hospital Barão de Lucena, que poderiam ser expulsos de suas atividades, e cuja visibilidade só foi possível com a luta do Coletivo de Luta Comunitária (CLC), etc.

O olhar do observador é misturado com o olhar do participante dos protestos, que se envolve até o último momento por perceber naquele ato um instrumento importante de visibilidade e de reconhecimento social, mas também de troca de reciprocidades. Seja numa roda de ciranda de jovens em plena Avenida Guararapes que literalmente parou o trânsito,

dissenso que consenso, com alto grau de recomposição a longo prazo.

Estratégias de ocupação do espaço público

Nos três protestos que nos baseamos para o presente texto, o que se percebeu foi a solidariedade entre os participantes de ambos, o que mostra uma reciprocidade entre os participantes, mas também um compromisso com as causas levantadas nos três, o que foi fundamental para que seus membros circulassem juntos em momentos diferentes dos atos, como na sua organização, divulgação e mobilização.

A composição constante nos três protestos de praticamente membros componentes das mesmas entidades estudantis, coletivos, ONGs, associações, etc é algo de fácil identificação, o que causa a sensação (ouvimos isso nos comentários de setores da PM, da imprensa e até de populares)

de que são as mesmas pessoas que comparecerem sempre a esses atos, o que pode ser de antemão considerado um elogio, pois demonstra o compromisso dessas pessoas com as causas sociais e a solidariedade entre os seus participantes.

Esses circuitos juvenis já estão devidamente compondo trocas de experiências interpessoais e de criação de vínculos a partir daquilo que podem ofertar no campo político, afetivo, acadêmico, etc. São referências fundamentais para a continuidade dos protestos, o levantamento constantes de suas bandeiras, a manutenção de um permanente corpo de militantes que estão antenados para as necessidades dos momentos e prontos para ganharem as ruas nos momentos em que forem convocados.

Cada militante colabora com o que pode, mas a sua presença, a sua voz e o seu grito são contribuições inestimáveis para os protestos. Ali são também forjadas amizades, um simples contato ou até namoros, porque são espaços

importantes de sociabilidade, de trocas intersubjetivas, de formação cidadã e de crescimento pessoal.

Os protestos não exigem um grande aparato ou um grande custo, porque não se usam carros de som, pagamento de equipes ou a impressão de materiais em gráficas especializadas. Cada um se vira para produzir cartazes, xerocar panfletos, de pegar emprestado um megafone com alguém que o tenha ou mesmo sair às ruas apenas com o “corpo e a coragem”. É necessário dentro dos coletivos apenas marcar a hora, o local e o dia dos protestos, porque a convocação das pessoas podem ser feitas pelo “facebook”, mas também pelo “twitter” e “blogs” inclusive alguns perfis se aprimoraram criando matérias ou as artes dos chamados para os protestos, como é o caso do “Recife Resiste” e do “Revo Cultura Livre”.

A divulgação das notícias dos protestos são bem sucedidas porque se utilizam a tecnologia das mídias digitais, mas também os

meios mais tradicionais de interação das pessoas que remontam aos primórdios da civilização, tendo a troca e as relações interpessoais o motor dessas relações sociais, porque nos protestos se trocam um panfleto, um sorriso, um conjunto de palavras, um olhar ou um conhecimento sobre qualquer assunto e as “informações” sobre os protestos anteriores ou os que virão, sem contar “desejos, memórias, sonhos e intenções” e os seus projetos políticos, acadêmicos, pessoais, etc.

Como boa parte desses protestos são compostos por estudantes secundaristas ou de graduação, o principal que eles têm a oferecer é o saber acadêmico, que quer ser trocado pelo saber popular das populações marginalizadas, pelo saber político dos movimentos sociais ou pela “voz rouca das ruas” vindas da sociedade como um todo que expressa sua indignação e acabam apoiando os protestos, pois nesse sistema de trocas também são oferecidas as bandeiras de luta e os sacrifícios da difícil luta,

que são recompensados pelo aprendizado, os benefícios que podem ser gerados para a coletividade ou pela própria preparação desses militantes em assumir no futuro inúmeras possibilidades de modificar o quadro atual naquilo que vierem a se envolver.

A particularidade de todos os movimentos que acompanhamos foi ocupar os espaços públicos como forma de chamar a atenção, como é o caso da passeata nas ruas, mas também tivemos casos de ocupação por um tempo determinado de determinados locais, sem contar ações que visavam o desencadeamento de ações mais diretas, como é o caso dos catracasos feitos durante alguns protestos públicos contra o aumento das passagens de ônibus, bem como as ações de ocupações de determinados locais públicos por um período como forma de protesto, como foi o caso das ações do Coletivo de Luta Comunitária (CLC), em 2012.

Entre 2009 e 2011 como nossa observação ficou restrita à Universidade Federal de

Pernambuco (UFPE), então pudemos vivenciar desde os protestos contra a falta de infraestrutura dos cursos (como aconteceu com os alunos de Direito, Pedagogia, Geografia, da Área II e das unidades de Vitória e Caruaru), pela humanização do campus (que envolveu em sua maioria estudantes de Ciências Sociais, Pedagogia e Serviço Social), protesto saunas de aula (na área II em 2011 e no Centro de Educação em 2012), pela abertura do R.U., contra assédio moral e sexual, segurança no campus, movimento dos médicos residentes, dos estudantes-bolsistas, dos residentes da Casa dos Estudantes, atividades Associação Nacional dos Estudantes Livres (ANEL), etc.

Como o corpus de dados para a pesquisa mostrou-se esparso e insuficiente nesse primeiro momento, inclusive não indo de encontro as nossas principais questões de estudo, então resolveu-se fazer uma análise mais específica sobre o primeiro semestre de 2012, que foi efetivamente rico de protestos juvenis ou reunidos em torno dessa temática.

Como é um trabalho em andamento, o que se analisa nesse primeiro momento são panfletos, imagens, slogans e a nossa própria participação e produção de um trabalho em paralelo aos próprios protestos, considerando que passamos a ser parte integrante deles de alguma forma.

Uma primeira questão advém do próprio universo da organização de um sistema para se ouvir e produzir políticas para os jovens. Como foram criados diversos canais de participação dos movimentos a nível estatal, inclusive conselhos próprios para a construção de políticas públicas, então por qual motivo a forma mais clássica de reivindicar ainda se faz tão presente e ainda mais forte como antes? Se a incapacidade do Estado de assegurar direitos ainda se mantém, logo a importância dos protestos públicos na atualidade no sentido de construir diversas formas de participação e de intervenção pública é assegurada.

Embora que ainda existam pessoas que estão ligadas a entidades estudantis e partidos

políticos nesses protestos, a composição é majoritária por membros que também estão ligados a coletivos sem uma organização rígida e sem a presença de uma liderança verticalizada. Tal composição é regra nos protestos que analisamos.

Assim, o foco da análise que faremos a seguir vai tratar especificamente dos seguintes protestos no primeiro semestre de 2012:

- Protestos estudantis contra o aumento das passagens de ônibus;
- Marcha das Vadias;
- Protestos do Coletivo de Luta Comunitária (CLC)

É fundamental salientar que esses agregaram tantos outros movimentos e coletivos que já atuavam, como o movimento estudantil, o movimento LGBT, o movimento feminista etc.

O direito de reivindicar: uma reflexão sobre cidadania

Um direito não pode ser garantido se ele não for reivindicado. Foi essa frase a que abriu um programa especial sobre os protestos públicos que foi ao ar pela TV Universitária da UFPE em abril de 2012 (Trata-se do Programa Pé na Rua, que é coordenado por Ivan de Moraes Filho), que utilizou basicamente as imagens que nosso projeto coletou ao longo de 2012 em vários pontos da cidade de Recife-PE.

O programa trouxe para o debate as últimas estatísticas da Secretaria de Defesa Social do Estado de Pernambuco em relação à protestos que fecharem as vias. Também trouxe dados interessantes sobre a quantidade de protestos que “causam interdição de vias por manifestações sociais em Pernambuco”. Em 2011 totalizaram 2379, enquanto nos primeiros meses de 2012 alcançavam a marca de 538.

A qualidade do programa nos permitiu analisar a questão posta por diversos atores sociais que contracenam na cidade durante a realização dos protestos, mas para fins do trabalho aproveitamos a contextualização e as falas dos principais envolvidos diretamente nos protestos públicos.

Ao analisarmos as imagens que produzimos (vídeos e fotos), os documentos que circularam em torno e sobre os protestos, mas em especial dos que tratam de cidadania (o direito de ter direitos) e do contexto dos protestos, consideramos vários aspectos que podem ser estudados e correlacionados entre si.

Por isso não tratamos diretamente das bandeiras de lutas, mas dos protestos em si e o seu significado como uma parte constituída ou constitutiva que vários movimentos juvenis que atuaram na cidade em 2012 conseguiram agregar, como as várias faixas de idade estando diretamente na organização dos

protestos ou estando neles como participantes diretos, cujas temáticas convergiam entre si.

Os dois primeiros protestos públicos contra o aumento das passagens de ônibus em Recife foram marcados pela truculência do Estado ao buscar impedir o simples ato de reivindicar, o que deu força aos protestos por incrível que pareça.

A chamada para os protestos foi muito forte no “facebook”, mas também teve chamados nas salas de aulas de diversas escolas, além de reuniões preparatórias antes dos protestos, que quase sempre eram acompanhadas de alguma forma pelas forças policiais do Estado de Pernambuco.

Num dos protestos a chamada era a seguinte: “leve sua máscara, seu batoque e sua indignação!”, também seguida do slogan “nenhum centavo a mais! Resistir até a tarifa cair”, o que deixava claro que reivindicar por um preço justo era justo.

Como os dois primeiros protestos (realizado no mês de janeiro de 2012) foi

marcado pelo intenso uso da força pela polícia, partiu-se daí a insistente mensagem dos militantes dos protestos para que o direito sagrado de protestar fosse resguardado. Um texto que circulou na “internet” atribuído à Juliana (a jovem que levou uma gravata de um policial e foi exposta em todos os jornais e mídias sociais a partir daí) intitulado “o insustentável peso do Estado” escancarou a ilegalidade de uma polícia que ao invés de defender o (a) cidadão (a) o agride utilizando-se dos meios mais cruéis.

Além de agressão física contra os manifestantes, também houve a invasão da Faculdade de Direito da UFPE num desses dias pelas forças policiais, que se acharam no direito de disparar bombas e balas de borracha naquele espaço visando encurralar diversas pessoas. O importante é que, com repressão ou sem repressão, os manifestantes lograram êxito no seu direito de protestar.

A Marcha das Vadias em seu manifesto de 2012 em Recife conclamou a sociedade a

protestar pelo número de casos de violência contra as mulheres, mas ressaltando que o seu direito de lutar decorre também da própria dificuldade de assegurar direitos mínimos todos os dias. Assim ao expressar no manifesto que “marcharemos até que todas sejamos livres!” e que ali se constitui a “a Marcha de todas as bandeiras”, esse protesto público tenta fazer uma reflexão importante sobre cidadania, considerando que só na organização visando conquistar direitos a ter direitos é que poderemos mudar esse quadro tão assustador de violência e de preconceitos . A Marcha também teve de vencer vários preconceitos na passeata, que saiu da Praça do Derby e foi até a Praça do Diário, inclusive vários membros dos protestos tiveram que responder a gracejos de alguns poucos populares que tentavam ridicularizar o protesto.

Mas o movimento que mais evidenciou o direito de reivindicar foi o Coletivo de Luta Comunitária (CLC), porque suas ações foram desenvolvidas dentro da perda iminente de

direitos básicos do cidadão, como o de morar, o de trabalhar e o de não aceitar que as condições mínimas de sobrevivência alcançados fossem retirados com ações truculentas do poder público.

O protesto mais bem sucedido do CLC foi a ocupação feita na Câmara Municipal de Recife após a desocupação de uma área pela Prefeitura de Recife onde viviam dezenas de famílias. A única forma que tinham de dar visibilidade a uma ação de despejo sem aviso prévio, sem negociação e sem o oferecimento de contrapartidas do poder público para que crianças, adultos e idosos não ficassem sem um teto e assistência, considerando que na ação de despejo que teve o acompanhamento da Polícia Militar do Estado de Pernambuco, a prefeitura derrubou as moradias com boa parte dos pertences dos moradores junto, o que gerou perdas e danos irreversíveis naquela situação. O CLC conseguiu literalmente fazer da Câmara dos Vereadores de Recife a “casa do povo”, porque as pessoas chegaram no

turno da tarde e só saíram no outro dia pela manhã, quando foram para a sede da Prefeitura acompanhar as negociações e permanecer naquele local até que tudo fosse resolvido.

A busca da adesão da sociedade

A adesão da sociedade às reivindicações e aos próprios atos tem sido uma constante nos diversos protestos que acompanhamos em 2012. É claro que alguns slogans já se tornaram clássicos em quase toda e qualquer manifestação, como “Você aí parado, também é responsável”, “Você aí parado, também é enganado” ou “Vem pra luta, vem”.

Nos protestos estudantis contra o aumento das passagens e na Marcha das Vadias ouviu-se também “papel, picado, o povo tá do nosso lado”, assim como “pula, pula, quem é o contra o aumento pula” ou “pula, pula, quem é contra o machismo, pula”.

Os três protestos analisados apontam bandeiras que afetam toda uma coletividade e buscam, ao saírem às ruas, mostrar à sociedade que toda ela é afetada por essa desigualdade social, a falta de reconhecimento e de cuidado com o outro e ainda somos dominados por uma ditadura da desinformação.

No protesto dos estudantes ficou evidenciado o quanto os gestores públicos tratam o transporte e o direito de ir e vir de todos os seus cidadãos, nos protestos do CLC o quanto o “cuidar das pessoas” pelos órgãos públicos está distante e na Marcha das Vadias apontou-se como o respeito e a dignidade da pessoa humana são valores que precisam ser compartilhados por toda a sociedade.

Nesse aspecto da busca da adesão da sociedade é muito forte a mensagem do CLC, que vê na política de embelezamento da cidade dentro de parâmetros que se aproximam a de uma higienização social. Com um chamado “Cidade bonita, barriga vazia! A copa da fome” o CLC mostra claramente à

sociedade as medidas paliativas que geram exclusão social e não prepara a cidade de fato para os desafios urgentes que precisam ser encarados.

No caso da Marcha das Vadias foi muito forte o questionamento quanto à erotização da mulher. “Nossa luta é por respeito, mulher não é só bunda e peito”. Tentam despertar a sociedade para que assumam esse compromisso diário de conquista de direitos iguais para homens e mulheres, que sem o respeito que precisam o caminho fica intransponível.

A preocupação de inovação desses movimentos é fantástica, mas também é muito forte o sentimento de se protestar retirando os paradigmas condutores do sistema vigente, o que é fundamental para a afirmação desses movimentos:

“O problema da luta é deslocar-se para uma dimensão diferente da do capital, não comprometer-se com o

capital em seus próprios termos, mas avançar para modos em que o capital não possa sequer existir: romper a identidade, romper a homogeneidade do tempo. Isso significa ver a luta como um processo de experimento sempre renovado, criativo, negando a fria mão da tradição, movendo-se constantemente um passo mais além da absorvente identificação que impõe o capitalismo” (Holloway, 2003, p. 312-313).

Com essa abordagem é fundamental ampliar o leque de possibilidades desses protestos, porque eles sempre buscam ir além, se superar, recriar-se no calor das lutas e tendo a construção coletiva o seu grande objetivo.

Ao tentar-se formar a partir de dentro, o que se percebe é um trabalho árduo para aparar arestas e recolocar o movimento na sua integridade nas ruas sem estereótipos e sem

rótulos, inclusive ridicularizando os próprios defeitos que surgem ao longo do caminho.

Os significados próprios dos protestos aos seus participantes

Os protestos trazem expectativas e geram significados próprios aos seus participantes. Um caso importante identificado nesse estudo foi a ampla participação de estudantes de Direito (da UFPE e da UNICAP), de Pedagogia, Ciências Sociais e de Serviço Social (UFPE) em todos os protestos que analisamos, principalmente através dos diversos coletivos ou grupos organizados que trazem para o seu cotidiano questões tratadas nos mais diversos movimentos sociais da cidade de Recife, inclusive com amplo envolvimento nas ações que eles desenvolvem.

O sentido de participação como instrumento para a mudança da sociedade pode ser percebido na afirmação de uma das

envolvidas nos protestos de que “nenhum povo muda sua história pedindo licença para passar” (Juliana Serreti, Movimento Zoadá, Faculdade de Direito da UFPE), o que é reforçada na fala de um outro personagem ao dizer que “a gente vai a rua para mostrar à sociedade a ação de um governo que age de uma forma irregular” (Belotto, Coletivo de Luta Comunitária, CLC”).

O Coletivo de Luta Comunitária (CLC) surgiu com os primeiros protestos da União dos Barraqueiros da UFPE em 2011, que mobilizou os barraqueiros de todo o entorno da UFPE, do IFPE e do Hospital Barão de Lucena contra a forma autoritária de tratar os trabalhadores informais e de criar um clima de terrorismo com a ameaça de retirada forçada das barracas, quiosques ou fiteiros sem nenhuma negociação, sem contar que foi abarcando ao longo de sua trajetória moradores de comunidades que também sofriam com a mesma ameaça de perder suas moradias. Tudo isso dentro da política de

embelezar a cidade para a copa do mundo de 2014.

Diante de tal situação, o CLC criou um slogan muito significativo para os seus participantes e a sua própria luta: “Lutar não é crime. É um direito!”. O que deduz mais uma vez que a luta por direitos não pode ser criminalizado e a mobilização nas ruas é a melhor forma de apresentar suas reivindicações e assim passar a ser ouvidos. É isso que dá sentido aos membros do CLC, que abarcou uma legião de jovens que participam dos seus atos e dá todo um suporte ao seu engrandecimento como um dos movimentos mais vigorosos aqui em Recife.

No conjunto dos protestos públicos que analisamos o espectro de reivindicações é amplo, considerando que “luta-se contra o aumento das passagens, uma concepção de cidade sustentável, contra os grandes empreendimentos e as lutas básicas como o direito à água, à moradia” (Pedro Brandão,

Coletivo de Luta Comunitária), mas também pelo direito à voz, pois

“Toda vez que um movimento não tem possibilidade de diálogo e negociação e se organiza e faz uma movimentação, e para a rua, consegue dialogar com a imprensa e chamar a atenção, o tratamento a esse movimento muda. Ele passa a ser ouvido e abre uma oportunidade de dialogar” (Thiago Rocha Leandro, Coletivo de Luta Popular).

Também existe um sentimento de visibilidade e de reconhecimento social dos grupos que analisamos participantes dos protestos, que nesse caso está mais explicitado na chamada Marcha das Vadias, cujo próprio nome surgiu de um protesto contra um policial do Canadá que declarou que “as mulheres evitassem se vestirem como vadias, para não serem vítimas”, o que foi o suficiente para que

a luta contra o machismo ganhasse outros países, como é o caso do Brasil.

Assim a Marcha das Vadias saiu às ruas e ganhou as redes sociais denunciando o machismo, sendo favorável à livre manifestação das mulheres e da liberdade sexual, também indo contra o estereótipo da mulher que se deixa ser vítima da violência sexual ao vestir uma roupa mais sensual e que realça sua feminilidade.

Ao saírem com pouca roupa e vestidas parecidas com prostitutas, as participantes da Marcha das Vadias dão um significado aos seus protestos, sempre ressaltando nas mensagens, nos comunicados, nos cartazes e nas chamadas das redes sociais que “isso não é um evento sobre sexo, é sobre violência”, e que “mexeu com uma mexeu com todas”.

A intenção é convocar as mulheres para que denunciem a violência doméstica a que estão arriscadas de sofrer com a frase “basta de violência contra as mulheres”, quebrando o estigma da suposta fragilidade das mulheres

com a mensagem “sexo frágil é o caralho” e realçando que a tentativa da sociedade de que a mulher-objeto seja um paradigma aceito é repugnado, porque “mulher bonita é mulher que luta”.

Ao conclamar no protesto “somos todas vadias”, as “vadias” querem expressar que “basta de violência contra as mulheres”, que são “contra o machismo” e que mulher não é objeto sexual para ser usado pelos homens da forma como eles acham convenientes (na frase divulgada nos cartazes de chamada do ato e divulgado de todas as formas durante a marcha “meu corpo, minhas regras” isso é explícito).

O direito de reivindicar contra a cultura machista é o sentido e o significado da Marcha das Vadias e a sua razão de existir para os seus participantes, sejam eles homens, sejam elas mulheres, gays, lésbicas ou simpatizantes.

Mas outro movimento que analisamos, o que é contra o aumento das passagens, também possui um significado importante

para os seus participantes a questão da qualidade de vida na cidade grande, sem contar o respeito é a dignidade do cidadão que precisa ser respeitado no direito mais sagrado que é o de ir e vir. Percebemos a adesão muito grande de pessoas oriundas das camadas populares, cujo aumento no valor da passagem coloca em risco esse direito de se locomover na cidade para estudar, trabalhar ou até mesmo para procurar emprego, o que exige um transporte público não apenas com um valor adequado, mas também ágil ou eficiente para que se possa “correr atrás” com um pouco mais de dignidade.

Ao conclamarem “nenhum centavo a mais! Resistir até a tarifa cair”, o que se exige de imediato é um preço de passagem adequado e ao mesmo tempo com qualidade, considerando que as pessoas dependem do transporte público para a sua própria sobrevivência. O significado desse movimento para os seus participantes é que “o aumento da passagem é roubo”, o que deduz que um

serviço público é mantido para atender em primeiro lugar os lucros dos empresários em detrimento do atendimento digno ao cidadão, conforme percebemos nos diversos movimentos dos protestos públicos, que teve no trânsito parado de várias partes de Recife a forma de mostrar não apenas a crítica situação do transporte público, mas da mobilidade urbana como um todo.

Antes do aumento o slogan era “se a passagem aumentar, o Recife vai parar”. Depois do aumento de pouco mais de 6% o slogan foi modificado um pouco: “A passagem aumentou, o Recife já parou”. A indignação com o Governador Eduardo Campos cresceu com esse aumento, porque o pouco debate com a sociedade sobre o transporte público que é de sua responsabilidade não contribuiu com o anseio dos protestos que pediam nada além do direito de ter direitos.

Considerações Finais

Os protestos públicos se constituem fundamentais para a conquista da cidadania entre parcelas significativas dos jovens em Recife, considerando que o direito a ter direitos para eles representa a conquista da dignidade por meio da convivência coletiva, dos respeito às diferenças e da autonomia dos sujeitos para reivindicar e serem atendidos os seus direitos.

A politização da sociedade implica na disputa de espaços e de articulação entre os setores diversos que não conseguem abrir canais de interferência na vida pública e precisam urgentemente construir uma oportunidade de decidir a direção das políticas e decisões.

O que trazemos aqui visou identificar as particularidades dos diversos protestos a partir de questões-chaves para compreendermos o impacto desses movimentos na construção de alternativas de reivindicação diferentes daquelas que até então vinham sendo

utilizadas para se buscar os resultados esperados pelos cidadãos.

Como tomamos partes desses movimentos em um determinado tempo ao qual fomos expostos e ficamos conhecidos, é natural que muitas pessoas tenham nos confundido como membros da organização dos protestos. O que não nos desmerece. Pelo contrário.

Um único momento ao longo dessa caminhada que efetivamos pudemos ver com os nossos próprios olhos a fúria policial contra as pessoas que estavam num protesto, onde literalmente o diálogo foi a violência. Como o protesto não estava focado no trabalho que realizávamos, pois estávamos ali mais como meros observadores e solidários a ele, então não fizemos menção alguma ali. Mas não poderia deixar de narrar nesse espaço o espancamento de uma criança de rua num protesto de trabalhadores em pleno centro da cidade, sem contar a intimidação e o abuso de

autoridade para que aquele fato não fosse devidamente publicizado.

Por fim, como primeiro trabalho sobre esses protestos em Recife, é fundamental que críticas, comentários e sugestões nos cheguem para que possamos aperfeiçoá-lo. E o que iremos estimular.

Documentos

Vídeos e fotografias

- Programa Pé na Rua (TV Universitária da UFPE. "Protestos – Diga Aí. Foi ao ar no mês de abril de 2012.

- Seleção de imagens dos protestos pelo autor. 2012.

Referências Bibliográficas

ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta, 1994.

_____. & BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs.). *Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992.

BAUER, Martin & GASKELL, Georg. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRAIT, Beht (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2007.

BRIOSCHI, Lucila Reis; TRIGO, Maria Helena Brito. "Interação e comunicação no processo de pesquisa". *Reflexões sobre a Pesquisa Sociológica*, textos 3, 2ª série, 1992, p. 30-41.

CAILLÉ, Alain. O princípio de razão, o utilitarismo e o antiutilitarismo. *Soc. estado*. [online]. 2001, vol.16, n.1-2, pp. 26-56.

_____. Reconhecimento e sociologia. *Rev. bras. Ci. Soc.* [online]. 2008, vol.23, n.66, pp. 151-163.

_____. “Nem holismo, nem individualismo metodológicos: Marcel Mauss e o paradigma da dádiva”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 1998.

CAIAFA, Janice. *Movimento punk na cidade. A invasão dos bandos sub*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

CAMACHO, L. M. Y. . A ilusão da moratória social para os jovens de classes populares. In: Marília Pontes Sposito. (Org.). *Espaços públicos e tempos juvenis*. 0 ed. São Paulo: Global, 2007, v. 1, p. 135-158.

CARDOSO, Ruth & SAMPAIO, Helena (orgs.). *Bibliografia sobre a juventude*. São Paulo: Edusp, 1995.

CASTRO, Lucia Rabello. “Os jovens podem falar? Sobre as possibilidades políticas de ser jovem hoje”. In: *Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidade*, Belo Horizonte, Ed. PUC Minas, 2011, p. 299-324.

CHARLOT, Bernard. “Valores e normas da juventude contemporânea”. In: Lea Pinheiro Paixão & Nadir Zago. *Sociologia da Educação*:

Pesquisa e realidade brasileira. Petrópolis, Vozes, 2007, p. 203-221.

CORTI, Ana Paula; FREITAS, M. V. de; SPOSITO, M. P. *O encontro das culturas juvenis com a escola*. São Paulo: Ação Educativa: assessoria, pesquisa e informação, 2001.

CRIADO, Enrique Martín. *Producir la Juventude: Crítica de La Sociologia de la Juventud*. Madrid: Istmo, 1998.

DIÓGENES, G. *Cartografias da cultura e da violência. Gangues, galeras e o movimento hip-hop*. 2ª ed. São Paulo: Annablume, 2008.

DUBAR, Claude. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ERIKSON, Erick. *Identidade, juventude e crise*. 2. ed. Trad. de: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

GROPPO, Luis Antônio. *Juventude: Ensaios sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas*. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. 4ª ed. Porto Alegre, Artmed, 2005.

GODBOUT, Jacques. "Introdução à dádiva". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 13 (38), 1998, 39-51.

HOLLOWAY, John. *Mudar o Mundo sem Tomar o Poder*. São Paulo: Viramundo, 2003.

LIBERATO, Leo Vinicius Maia. "Notas sobre o passe livre e o poder e fazer de uma juventude". In: *Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidade*, Belo Horizonte, Ed. PUC Minas, 2011, p. 325-345.

OCCUPY. *Movimentos de protesto que tomaram as ruas*/[David HARVEY *et al.*]; [tradução João Alexandre Peschanski *et al.*] São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012.

MACHADO, Otávio Luiz. *Formação Profissional, Ensino Superior e a Construção da Profissão do Engenheiro pelos Movimentos Estudantis de Engenharia: A Experiência a partir da Escola de Engenharia da Universidade Federal de Pernambuco (1958-75)*. Recife: PPGS/UFPE, 2008 (Dissertação de Mestrado).

_____. "Juventudes, Democracia E Direitos Humanos: A Produção De Cidadania Pela

Ufpe". In: IX Reunião de Antropologia do Mercosul, 2011, Curitiba-PR. Anais do IX Reunião de Antropologia do Mercosul. Curitiba-PR : RAM, 2011.

_____. "Memória do Movimento Estudantil Brasileiro. In: Conferência sobre Tecnologia, Cultura e Memória (CTCM)", 2011, Recife-PE. Anais da Conferência sobre Tecnologia, Cultura e Memória (CTCM). Recife-PE : Liber-Ufpe, 2011.

MACHADO, Otávio Luiz. *Movimentos Estudantis, Formação Profissional e a Construção de um Projeto de País*. Recife: Livro Rápido, 2012.

_____. SILVA, N. L.; LINS, A. S. . "A Pluralidade Política das Juventudes Militantes em Recife: a Transição Democrática e os Novos Movimentos Juvenis". In: Anais do XXVIII Congresso Internacional da ALAS, 2011, Recife-PE.

MACHADO, Otávio Luiz; SILVA, N. L.; SÁ MENEZES, Girleide de; LINS, A. S.. "A

Presença das Juventudes Pernambucanas: Novas Configurações e Transmutações”. *Estudos Universitários (UFPE)* (Cessou em 1985), v. 1, p. 115-124, dez. 2010.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos. O declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

MAGNANI, Jose Guilherme Cantor . De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

_____. & SOUZA, Bruna Mantese de (orgs.). *Jovens na Metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. 1. ed. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

MARTINS, Paulo Henrique. “As redes sociais, o sistema de dádiva e o paradoxo sociológico”. *Cadernos do CRH (UFBA)*, Salvador, v. 40, p. 33-48, 2004.

MARTINS, Paulo Henrique. “Redes sociais como novo marco interpretativo das mobilizações sociais contemporâneas”.

Caderno CRH (UFBA. Impresso), v. 59, p. 73-85, 2010.

_____. "De Lévi-Strauss a M.A.U.S.S. - Movimento AntiUtilitarista nas Ciências Sociais: itinerários do dom". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 23, p. 105-130, 2008.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MELUCCI, A. "Juventude, tempo e movimentos sociais". *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 5-6. p.5-14 maio/ago. 1997.

MENDES DE ALMEIDA, Maria Isabel & EUGÊNIO, Fernanda (Orgs). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MESQUITA, Marcos Ribeiro. *Identidade, cultura e política: os movimentos estudantis na contemporaneidade*. Maceió: Edufal, 2009.

MINAYO, M. C. S. et al. *Fala galera: juventude, violência e cidadania*. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

MISCHE, Ann. "De estudantes a cidadãos: Redes de jovens e participação política". *Revista Brasileira de Educação*, n. 5/6, maio-dez. 1997, p. 134-150.

MYERS, Greg. "Análise da conversação e da fala". In: Martin Bauer e Georg Gaskell. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 271-292.

NOVAES, Regina. "Os jovens hoje: contextos, diferenças e trajetórias". In: MENDES DE ALMEIDA, Maria Isabel & EUGÊNIO, Fernanda (Orgs). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 105-120.

NUNES, Brasilmar Ferreira. Consumo e Identidade no meio juvenil: considerações a partir de uma área popular no Distrito Federal. *Sociedade e Estado*, v. 22, p. 647-680, 2008.

ORLANDI, Eni. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2005.

PAIS, José Machado. "A construção sociológica da juventude: alguns

contributos". *Análise Sociológica*, v. 25, n. 105-106, 1990.

_____. *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1993.

_____. "A geração yô-yô". *Dinâmicas multiculturais novas faces outros olhares*, actas de las sesiones temáticas del III Congreso Luso-Afro-Brasileño de Ciencias Sociales, Lisboa, 1994.

_____. *Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro*. Porto: Editora Âmbar, 2001.

_____. "Prefácio- Busca de si: expressividades e identidades juvenis". In: MENDES DE ALMEIDA, Maria Isabel & EUGÊNIO, Fernanda (Orgs). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 7-21.

PAIVA, Vanilda (org.). *Perspectivas e dilemas da educação popular*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. Violência e pobreza: a educação dos pobres. In: ZALUAR, Alba (org.). *Violência e*

educação. 1ª Ed. São Paulo: Livros do Tatu/Cortez, 1992.

PERALVA, Angelina. "O jovem como modelo cultural". *Revista Brasileira de Educação*, n. 5-6. São Paulo, p.15-24, maio/ago. 1997.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1991.

PIZZI, Laura Cristina Vieira & FUMES, Neiza de Lourdes Frederico (orgs.). *Formação do Pesquisador em Educação: identidade, diversidade, inclusão e juventude*. Maceió: Edufal, 2007.

PORTUGAL, Sílvia; Martins, Paulo Henrique (orgs.) (2011), *Cidadania, Políticas públicas e Redes sociais*. Coimbra: Imprensa Universidade de Coimbra.

PORTUGAL, Sílvia (2006), Quanto vale o capital social? O papel das redes informais na provisão de recursos, *in* Breno Fontes; Paulo Henrique Martins (org.), *Redes, Práticas Associativas e Gestão Pública*. Recife: Editora da UFPE, 51-74.

PORTUGAL, Sílvia; Martins, Paulo Henrique (2011), *Cidadania, Políticas Públicas e Redes Sociais.*, in Sílvia Portugal; Paulo Henrique Martins (org.), *Cidadania, Políticas Públicas e Redes Sociais.*. Coimbra: Imprensa Universidade Coimbra, 7-12.b

PORTUGAL, Sílvia (2007), "O que faz mover as redes sociais? Uma análise das normas e dos laços", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 79.

PORTUGAL, Sílvia (2007), "Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica", *Oficina do CES*, 271.

SCHERER-WARREN, Ilse. . Das mobilizações às redes de movimentos sociais. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 21, p. 109-130, 2006.

_____. *Redes de movimentos sociais na América Latina - caminhos para uma política emancipatória?*. Cadernos do CRH (UFBA), v. 21, p. 505-517, 2008.

SCHNAIDERMAN, Boris. "Bakhtin 40 graus (Uma experiência brasileira com a sua obra)". In: Beth Brait (org.). *Bakhtin: dialogismo e*

construção do sentido. Campinas: Editora da Unicamp, 1997, p. 15-22.

SINGER, Paul. "A juventude como coorte: uma geração em tempos de crise social". In: ABRAMO, Helena Wendel & BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs.). *Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 27-35.

SOUSA, Janice Tirelli Ponte de. *Reinvenções da Utopia: a militância política nos anos 90*. São Paulo: Hacker, 1999.

SPOSITO, Marilia Pontes (org.). *Espaços públicos e tempos juvenis: um estudo de ações do poder público em cidades de regiões metropolitanas brasileiras*. São Paulo: Global, 2007.

_____. "Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola". In: Lea Pinheiro Paixão & Nadir Zago. *Sociologia da Educação: Pesquisa e realidade brasileira*. Petrópolis, Vozes, 2007, p. 19-43.

TOURAINÉ, Alan. *Um novo paradigma: para compreender o mundo de hoje*. 3ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. & KHOSROKHAVAR, Farhad. *A busca de si: diálogo sobre o sujeito*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

TRASHER, F. *The Gang*. Chicago: University of Chicago, 1963.

VELHO, Gilberto (org.). *Desvio e Divergência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

ZALUAR, Alba. *Cidadãos não vão ao Paraíso: Juventude e Política Social*. Campinas: Editora da Unicamp/Escuta, 1994.